

Uma análise da expressão da modalidade epistêmica em artigos de opinião

Vandemberg Simão Saraiva

Orientadora: Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará

ABSTRACT: *This paper analyzes some manifestations of epistemic modality in “critical article”.*

PALAVRAS-CHAVE: *modalidade; modalidade epistêmica; artigo de opinião.*

1. Considerações iniciais

A modalidade tem sido estudada em diferentes quadros teóricos e áreas de investigação. No presente artigo, adotamos uma abordagem funcionalista para realizar um breve estudo sobre a modalização.

A modalidade, segundo define Quirk *et al.* (1985), é o modo pelo qual o significado de uma frase é qualificado de forma a refletir o julgamento do falante sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição por ela expressa. A análise aqui relatada focaliza a manifestação da modalidade dita *epistêmica*, isto é, aquela que se circunscreve no eixo do conhecimento, em enunciados identificados em amostras textuais pertencentes ao gênero artigo de opinião. Essa análise integra o projeto de pesquisa “Processos de construção dos enunciados”, desenvolvido na UFC.

2. O tratamento funcionalista na investigação da modalidade

Entre as abordagens funcionalistas de tratamento da modalidade, destaca-se a que se baseia na proposta de constituição dos enunciados em camadas. Tais camadas podem ser entendidas como instâncias de modalização dos enunciados, que correspondem, segundo Dik (1989) e Hengeveld (1988, 1989), aos seguintes níveis:

Interpessoal 4º nível: Cláusula _____ “ato de fala”
3º nível: Proposição _____ “fato possível”

Representacional 2º nível: Predicação _____ “estado-de-coisas”
1º nível: Predicado _____ “propriedades /relações”

Os *predicados* constituem o primeiro nível de estruturação dos enunciados e consistem em itens do léxico que designam propriedades ou relações. Atribuindo-se uma estrutura de predicado (esquemas que especificam uma “planta” das estruturas nas quais o predicado pode aparecer) a um certo número de termos (expressões referenciadoras das entidades), obtém-se uma *predicação*. A predicação consiste em uma estrutura subjacente aos enunciados e designa um estado de coisas, ou seja, trata-se de uma codificação linguística da interpretação que o falante faz de alguma situação. Um estado de coisas pode ser localizado com relação ao tempo e ao espaço, à duração e identificado como percebido de algum modo. A predicação pode constituir uma estrutura de ordem mais alta e apresentar-se como um conteúdo proposicional, um fato possível, isto é, uma *proposição*. Enquanto a predicação pode ser vista, ouvida, enfim, percebida, a proposição pode ser conhecida, aceita, negada. Quando se atribui força ilocucionária

(ex. Declarativo, Interrogativo) à proposição, obtém-se a *frase*, o *enunciado*. Operadores, isto é, distinções gramaticalmente expressas, tais como modo, aspecto, tempo, e *satélites*, informações adicionais, não requeridas pelo predicado e que têm expressão lexical, tais como os adjuntos adverbiais, atuam em cada um desses níveis de estruturação dos enunciados.

No nível das relações internas à predicação, configura-se a modalidade dita *inerente*. Ela diz respeito às relações entre um participante e a realização do estado de coisas (EC) em que ele está envolvido e indica, em geral, capacitação, tal como em (1), e volição:

- (1) A abrangência e o significado desta pesquisa demonstra como a ciência *pode* contribuir para a ética da vida e para o uso racional das riquezas naturais que Deus colocou à nossa disposição. (O povo, 18/08/2001)

Configura-se, no nível da predicação, a modalidade dita *objetiva*. Nesse nível, temos a modalidade denominada *epistêmica objetiva*, que diz respeito à avaliação que o falante faz, com base no conhecimento de possíveis situações, do estatuto de realidade de um estado de coisas designado pela predicação. Segundo Neves (1996: 177), a modalidade objetiva epistêmica pode ser entendida em uma escala de *possibilidade* (certo > provável > possível > improvável > impossível > impossível). As ocorrências (2) e (3) exemplificam a modalidade epistêmica objetiva:

- (2) Daqui a 90 dias, *é certo* que o cenário também será bem diferente do de hoje. (Folha se São Paulo, 3/09/2001).
- (3) Como a eleição está a 13 meses no calendário, *é quase impossível* fazer uma previsão com mínima chance de acerto. (Folha se São Paulo, 3/09/2001).

Ainda no nível da predicação, evidencia-se a modalidade dita *deôntica*, em que o falante avalia o estatuto de realidade de um estado de coisas com base no conhecimento que ele tem dos valores de permissão, obrigação, ligados a um sistema de convenções morais, legais ou sociais. Neves (1996) aponta, para a modalidade deôntica, a seguinte escala de *permissividade*: obrigatório > aceitável > permissível > inaceitável > proibido. Em (4), ilustramos a modalidade deôntica:

- (4) Os pais não *deveriam* ser presos depois de uma palmada, a história mostra que não se *deve* tratar violência com violência. (Superinteressante, 02/2001)

No nível da proposição, isto é, dos *atos possíveis*, configura-se a modalidade chamada *epistêmica subjetiva* (ou *epistemológica*), em que o falante se manifesta em relação ao conteúdo da proposição, ou seja, marca seu compromisso pessoal com a verdade da proposição. Contrariamente ao que ocorre na modalização epistêmica objetiva, o falante deixa marcas de sua atitude, de seu comprometimento em relação ao que diz:

- (5) *A meu ver*, a proibição por lei de qualquer castigo físico eliminaria a violência familiar e ajudaria a formar pessoas melhores. (Superinteressante, 02/2001)

Ainda nesse nível, Hengeveld (1989) identifica a modalidade dita *evidencial* como um subtipo da modalização epistemológica. Por meio dela, o falante especifica a fonte do conhecimento da verdade que fundamenta uma proposição:

- (6) 84.600 TW são absorvidos pela superfície líquida (hidrosfera) e sólida (litosfera) e se transforma em calor. *Segundo o autor*, não fora esse calor a temperatura da terra seria 240°C negativos, portanto impossível à manutenção da vida. (O Povo, 18/08/2001)

A modalidade pode ser expressa por muitos meios lingüísticos. Além dos expedientes prosódicos e das próprias categorias gramaticais de tempo/modo/aspecto, podemos citar o emprego de: a) verbos auxiliares modais ou de significação plena que indiquem opinião, crença ou saber (ex.: predicados encaixadores como *Eu acho que*, *Eu creio que*); b) adjetivos em posição predicativa (ex.: predicados encaixadores como *É certo que*, *É evidente que*, *É possível que*); c) advérbios (ex.: *certamente*, *possivelmente*, *provavelmente*); d) substantivos (ex.: *certeza*, *opinião*).

A principal vantagem deste modelo de descrição da modalidade relacionado às camadas de constituição dos enunciados encontra-se na possibilidade de descrevê-los, simultaneamente, como *mensagem* (nível representacional ou, nos termos de Halliday (1985), ideacional) e como *evento de interação* (nível interpessoal), já que as camadas constituem diferentes escopos de modalização. Em *Eu acho que é provável que Mauro possa andar*, temos o verbo modal *poder* como expressão da modalidade inerente cujo escopo é a relação entre *Mauro* e a realização do EC *andar*; observamos, também, o emprego do adjetivo como modalizador epistêmico objetivo que toma como escopo a predicação designadora de um EC, e, finalmente, um predicado encaixador com o verbo *achar* que expressa o comprometimento do falante com o conteúdo da proposição, isto é, o conteúdo de um ato de fala.

3. O artigo de opinião

Machado (2000) caracteriza o gênero artigo de opinião como uma ação de linguagem que se efetiva pela produção de um texto essencialmente argumentativo, em que o autor emitirá sua opinião sobre uma questão controversa, atual, de ordem política, social, econômica ou cultural. A autora identifica duas restrições a que está submetido o produtor de textos pertencentes a esse gênero:

(...) os textos são, na sua maioria, heterogêneos, constituídos por segmentos de discurso misto, de

discurso teórico e, em menor número, por segmentos de discurso interativo, o que aponta para uma dupla restrição a que está submetido o produtor: de um lado, a necessidade de tratar de temas atuais e de envolver o destinatário e, de outro lado, a necessidade de convencer, expondo suas posições (suas premissas, sobretudo) como verdadeiras e atemporais.

Com relação aos modalizadores, a autora observa uma utilização marcante de modalizadores que indicam certeza, não só para reforçar os argumentos e os exemplos, mas também para enfatizar a conclusão central defendida pelo produtor de textos desse gênero.

4. Uma análise da expressão da modalidade epistêmica em artigos de opinião

Como um exercício de análise para estudo da modalidade, observamos como se manifesta a modalidade dita *epistêmica* em artigos de opinião. Para tanto, constituímos um *corpus* com dez amostras textuais pertencentes a esse gênero. Essas amostras foram obtidas de jornais e revistas de circulação nacional.

Como afirmamos, existem diferentes expedientes de manifestação da modalidade. Todavia, para efeito de análise, identificamos apenas os enunciados em que a modalização se dá pelo emprego de meios lexicais, tais como o uso de verbos, adjetivos, advérbios e algumas expressões. Em seguida, analisamos as ocorrências, identificadas em cada amostra textual, segundo dois critérios: o nível em que ocorre a modalização epistêmica (predicação/epistêmica objetiva ou proposição/epistêmica subjetiva) e a escala de certeza/não-certeza) com que o autor avalia o estatuto de realidade de um estado de coisas ou se compromete com a verdade de uma proposição.

4.1. Resultados, análise e discussão.

Os resultados relativos ao emprego da modalidade epistêmica objetiva ou subjetiva encontra-se no quadro 2:

Quadro 2: Escopo da modalidade epistêmica em artigo de opinião

Epistêmica objetiva (predicação)	Epistêmica subjetiva (proposição)
19	14

Os dados do quadro 2 revelam que, nos artigos de opinião que analisamos, a modalidade objetiva, manifestada por meios lexicais, é um pouco mais utilizada. Esse tipo de modalidade, que tem como escopo a predicação, produz, como efeito de sentido, a aparente isenção em relação ao conteúdo do estado de coisas. A ausência de marcas que vinculem o que é dito no enunciado com o enunciador constitui, segundo Neves (1996: 181), um poderoso recurso para sugerir distanciamento. Com isso, o autor adquire foros de isenção e empresta mais autoridade a suas declarações.

Analisando a expressão da modalidade epistêmica quanto à escala de certeza/não-certeza, observamos que, nos textos examinados, os enunciados são mais modalizados no terreno da *certeza*. Esse resultado não surpreende e confirma a descrição que Machado (2000) faz do uso dos modalizadores nesse gênero discursivo. Como são textos essencialmente opinativos, a modalização é utilizada pelos enunciadorees como importante recurso para a sustentação de um ponto de vista.

Na análise, podemos identificar que a modalização ocorre no terreno da certeza tanto na modalidade objetiva, como mostra

o quadro 3, como na modalidade subjetiva. Parece-nos, portanto, que esse resultado se deve à própria organização seqüencial, predominantemente argumentativa, desse gênero.

Quadro 3: Expressão da modalidade epistêmica objetiva em artigo de opinião

É interessante notar que, no que diz respeito à modalidade epistêmica objetiva, ainda identificamos modalizações nos terrenos do Improvável e do Impossível, mas o mesmo não ocorre com a modalidade subjetiva, em que o autor se coloca, de forma mais assertiva, na defesa de uma opinião. O enunciado em (7) ilustra a expressão da modalidade objetiva, em que um estado de coisas é apresentado como certo; e a ocorrência (8) ilustra a manifestação da modalidade epistêmica subjetiva, em que o enunciado é marcado por uma atitude de comprometimento do autor com a verdade do que ele diz:

(7) Não resta a menor dúvida, portanto, de que os cassinos serão legalizados. Esses senhores já demonstraram que sabem trabalhar direito. Quando querem algo, superam qualquer obstáculo. (Veja, 10/2001)

(8) Como biogenista, *sei* que a saúde não é consequência da administração de medicamentos e vacinas. A biogenia vê a saúde como fruto de hábitos saudáveis e da obediência às leis naturais uma fórmula baseada em água pura, ar puro, alimentos puros. (Superinteressante, 10/2001)

Notamos, em (7), que o falante, a partir do conhecimento que tem de situações já concebidas em seu modelo mental, avalia como certa a legalização dos cassinos. Percebemos, em (8), mas não em (7), que o autor se qualifica para emitir uma opinião e, em seguida, a enuncia, utilizando um verbo de natureza essencialmente epistêmica (*saber*) em primeira pessoa.

5. Considerações finais

Este breve estudo que aqui apresentamos consistiu apenas em uma introdução ao estudo da modalização, em geral, e em um exercício de análise do uso dos modalizadores epistêmicos em um gênero específico. A análise da expressão da modalidade epistêmica no gênero artigo de opinião revelou que a modalização de natureza objetiva é mais utilizada, o que empresta aos enunciados o caráter de verdades atemporais. Também verificamos o uso freqüente da modalização no terreno da certeza, característica que atribuímos à seqüência argumentativa predominante nesse gênero textual.

Referências bibliográficas

- DIK, C. S. *The Theory of Funcional Grammar*. Dordrecht-Holland/Providence RI -USA: Foris Publications, 1989.
- HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality in a functional grammar of spanish. *In: Journal of Semantics*, v. 6, 1988, pp. 227-269.
- _____. Layers and Operators in Functional Grammar. *Journal of Linguistic*, 25: 1989, pp. 127-157.
- MACHADO, Anna R. Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. *In: DELTA*, vol.16, n.1, São Paulo, 2000.
- NEVES, Maria Helena de M. A modalidade. *In: KOCH, I.G.V. (org.). Gramática do português falado*. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP - FAPESP, 1996, pp. 163-199.
- QUIRK, R. *et al. A comprehensive grammar of the english language*. London/New York, Longman, 1985, pp 1300-1321.